

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LUX PRÉMIO DO PÚBLICO 2024
8 de Fevereiro de 2024

20.000 ESPECIES DE ABEJAS / 2023

20 000 Espécies de Abelhas

um filme de Estibaliz Urresola Solaguren

Realização e Argumento: Estibaliz Urresola Solaguren / Fotografia: Gina Ferrer García / Montagem: Raúl Barreras / Direcção de Som: Eva Valiño, Koldo Corella / Direcção Artística: Izaskun Urkijo Alijo / Guarda-Roupa: Nerea Torrijos / Interpretação: Sofía Otero (Lucía), Patricia López Arnaiz (Ane), Ane Gabarain (Lourdes), Itziar Lazkano (Lita), Martxelo Rubio (Gorka), Sara Cózar (Leire), Miguel Garcés (Jon), Unax Hayden (Eneko), Andere Garabieta (Nerea), Julene Puente Nafarrate (Niko), Mariñe Ibarretxe Frade (June), Aintziñe Rey Zurimendi (Sare), Julián Urkiola (Julián), Manex Fuchs (Padre Martina), Rafael Martín (Migueltxo), Fernando Ustarroz (Don Esteban), Goize Blanco (Dependienta Maider), Teresa Ibáñez (Conchi), etc.

Produção: Gariza Films, Inicia Films (Espanha) / Produtores: Lara Izagirre Garizurieta, Valérie Delpierre / Direcção de Produção: Pablo Vidal / Cópia: em DCP, cor, falada em espanhol e basco, legendada em português / Duração: 129 minutos / Primeira apresentação pública: 22 de Fevereiro de 2023, Festival de Berlim / Primeira apresentação pública em Portugal: 8 de Julho de 2023, Festival de Vila do Conde / Estreia comercial em Portugal: 20 de Julho de 2023 / Primeira exibição na Cinemateca.

sessão com apresentação

20.000 Espécies de Abelhas, a longa-metragem de estreia da realizadora basca Estibaliz Urresola Solaguren (Bilbau, 1984), conquistou vários prémios no mais recente festival de Berlim, entre os quais o Urso de Prata para Sofía Otero, a jovem protagonista. Se a actriz tem apenas 9 anos, a sua personagem possui menos um, e é com uma inteligência e sensibilidade invulgares que Otero interpreta um papel, que de alguma forma também é o seu.

20.000 Espécies de Abelhas traça o paralelismo entre duas viagens: a viagem de férias de Verão de uma mãe e dos seus filhos de França para o País Basco, em concreto para aldeia da sua família; e a viagem de uma criança, que conduz uma viagem de toda a restante família por um território desconhecido, que na verdade intuem, mas não conhecem ainda. Trata-se de um filme sobre o crescimento e a autodescoberta, mas também sobre a identidade de género, cuja peculiaridade assenta no facto de ser protagonizado por uma criança tão pequena. A noção de diversidade estará espelhada no título e nas “20.000 espécies de abelhas” que evoca, abelhas cuidadas pela tia-avó e pelas mulheres da família que a precedem.

As “20.000 espécies de abelhas” e a sua dificuldade em se adaptar serão uma metáfora da condição de Aitor/Coco/Lucía, que partilha progressivamente com a família e amigos o desconforto que a domina no que respeita ao facto de ter nascido rapaz e de ter um nome masculino. Sentimos a sua revolta e o desconforto face à identidade com que nasceu, e toda a confusão não é sua (da personagem), mas nossa, e de quase todos aqueles que a rodeiam. Aqui a criança não sabe exactamente o que é, mas sabe o que não é, e o que quer ser, chocando com a realidade e o preconceito de todos aqueles que a rodeiam na batalha que trava por ser aceite com a que é. Será um universo dominado pela presença feminina que amparará esta revelação e progressiva aceitação de uma condição que gera um profundo sofrimento na criança. Vemo-la pela primeira vez a sorrir quando as vizinhas da avó a tratam por menina, ou quando, face à sua nova amiga, assume o género feminino, sem que seja questionada.

Estamos face a uma criança na idade dos porquês, mas cujo questionamento suplanta em muito as perguntas habituais: “O que é a fé?”; “Mamã, vou ser como o papá quando crescer? Porque não quero ser”; “Avó, porque sou assim”; “Achas que aconteceu algo de mau quando eu estava na barriga da mãe?”. Estas perguntas correspondem ao início de uma revolução inocente no seio de uma família como as outras, retratada de modo muito justo pela realizadora. Para tal terá ajudado o cuidado da realizadora na produção de um filme, que contou com o apoio de uma associação basca, a Naizen (Asociación de Familias de Menores Transexuales de Navarra y Euskadi), onde conheceu Sofía, que aqui funciona como elemento catártico para talvez evitar uma iminente separação dos seus pais. Por outro lado, parte da motivação está associada à história real de Ekai Lersundi, um rapaz transgénero de 16 anos que se suicidou em 2018, e da nota que acompanhou o seu gesto de desespero, que muito tocou Estibaliz Urresola Solaguren.

Há sequências que se impõem, como a ida à piscina pública, os banhos no rio, os momentos passado junto às colmeias, momentos em que muitas vezes se valoriza a força e a beleza da natureza e de um mundo num estado mais natural, mas o filme peca talvez por um excessivo simbolismo: as actividades religiosas da avó; os vários baptismos no rio, o baptizado final (em que Lucía foge e parece encontrar apenas algum consolo no meio das colmeias, enquanto se nomeia); elementos que, juntando-se a outros, incessantemente acentuam a necessidade de morrer para renascer. Mas a resposta está também no próprio filme: “Tia, posso morrer e nascer outra vez, sendo rapariga?” / “E para que precisas de morrer, já és rapariga, a mais linda de todas.” – responde a tia.

No final há a esperança anunciada pela letra de uma bonita canção basca e por uma família que dorme unida na mesma cama. “Mamã estás a despertar?”. Como afirmou a realizadora na altura da estreia de **20.000 Espécies de Abelhas**: “A menina não se transforma, mas adquire ao longo do filme as ferramentas para exprimir quem é. Quem se transforma é a sua família”.

Joana Ascensão